

## **Implicações do status de nativos digitais para a relação entre gerações (professor e aluno) no contexto escolar<sup>1</sup>**

Luciana Silva dos Santos<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

### **Resumo**

As reflexões desse artigo enfocam as principais vertentes do debate atual sobre os jovens em relação ao uso das mídias digitais e como tais concepções incidem na relação entre gerações (professor e aluno) na escola.

A primeira parte do texto traz um apanhado das definições sobre a condição juvenil frente à utilização das tecnologias, priorizando duas correntes principais: os adeptos da noção de ‘nativos digitais’ para a geração atual, e aqueles que questionam tal ideário.

Por fim, o artigo problematiza a concepção dos nativos digitais no contexto escolar, associando o imaginário desse jovem ao do estudante contemporâneo e sua suposta nova forma de aprender e novos interesses.

### **Palavras-chave**

Jovens; estudantes; professores; nativos digitais; imigrantes digitais.

### **Abstract**

---

1 Artigo científico submetido ao eixo temático “Educação, processos de aprendizagem e cognição”, do V Simpósio Nacional da ABCiber.

2 Mestranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Graduada em Pedagogia pela PUC-Rio. Participa do grupo de pesquisa em Educação e Mídia (GRUPEM), coordenado por Rosália Duarte e vinculado ao Departamento de Educação da PUC-Rio.

The reflections in this article focus on the main aspects of the current debate on young people regarding the use of digital media and how these concepts relate to the relationship between generations (teacher and student) in school.

The first section provides an overview of definitions of the condition of youth regarding the use of technology, prioritizing two major currents: the supporters of the notion of 'digital natives' to the current generation, and those who question such ideals.

Finally, the article discusses the design of digital natives in the school context, involving the imagination of the young student's contemporary and his supposed new way of learning and new interests.

### **Key words**

**Young people, students, teachers, digital natives, digital immigrants.**

### **Introdução**

As inquietações para a realização deste trabalho surgiram a partir das discussões sobre a análise dos dados da pesquisa Juventude e Mídia: fatores escolares e sociais<sup>3</sup>, referentes ao conjunto de 3705 alunos e 127 professores (de turmas do nono ano do Ensino Fundamental) de uma amostra de 39 escolas da rede pública municipal do Rio de Janeiro. A pesquisa teve os seguintes objetivos: identificar modos de uso de mídia pelos estudantes e seus professores e as habilidades desenvolvidas face aos diferentes contextos de uso; perceber correlações entre habilidades no uso de mídias digitais e motivação para os estudos entre os estudantes e investigar fatores escolares ligados à promoção de motivação dos alunos para o aprendizado e a correlação destes com a probabilidade de desfechos educacionais favoráveis à continuidade dos estudos.

---

3 Pesquisa realizada em 2009, sob a coordenação de Rosália Duarte, com pesquisadores e estudantes (de pós-graduação e de graduação) de três grupos de pesquisa: Grupo de Pesquisa em Educação e Mídia e Laboratório de Avaliação da Educação, ambos da PUC-Rio, e a Coordenação de Educação em Ciências do MAST (Museu de Astronomia e Ciências Afins).

Por meio do mapeamento dos modos de uso de mídia entre esses professores e estudantes, através da aplicação de questionários, pode-se perceber certa discrepância, na qual aqueles apresentaram menor frequência de utilização das novas mídias em relação aos alunos.

A pesquisa ainda se encontra na fase referente ao exame dos dados. Em face da quantidade de informações coletadas e da complexidade de temáticas a estas associadas, os estudos decorrentes desta pesquisa deverão ser concluídos ao longo dos próximos dois anos. Entretanto, o interesse particular na questão da relação de professores e estudantes com as novas tecnologias de informação e comunicação trouxe a seguinte hipótese inicial: estariam os professores, devido a um suposto “baixo uso” e/ou pouco conhecimento das tecnologias, se “desautorizando” diante de um suposto alto uso e/ou conhecimento das tecnologias por parte dos alunos?

Para refletir esse questionamento, pretendo traçar um esboço dos conceitos acerca da condição juvenil quanto ao uso das tecnologias, priorizando duas tendências centrais: os defensores da condição de ‘nativos digitais’ para a geração atual, e aqueles que problematizam tal noção.

Pensar os jovens na perspectiva desse debate é fundamental antes de considerar quem é esse professor em relação aos jovens. Tendo em conta que, muito do que tem sido dito sobre estes tem frágil alicerce empírico e teórico, mesmo no meio acadêmico (BENNETT et al., 2008), ainda sim, os discursos correntes podem contribuir para se entender um imaginário sobre os jovens atuais frente ao uso das mídias que pode também estar sendo compartilhado pelos professores.

### **A favor dos nativos digitais**

No artigo “The ‘digital natives’ debate: a critical review of the evidence”, os autores citam a perspectiva de Prensky sobre os “nativos digitais”. Para este, o uso das tecnologias de informação e comunicação distingue os jovens atuais das gerações anteriores de estudantes e dos seus professores. Essas diferenças seriam tão significativas que a natureza

da educação precisaria mudar para acomodar as habilidades e interesses desses “nativos digitais” (PRENSKY, 2001 apud BENNETT et al., 2008).

Na perspectiva de Prensky, os nativos digitais comporiam a geração nascida entre 1980 e 1994. Eles apresentariam familiaridade com as TIC, por viverem envolvidos com tecnologias, rodeados ou usando computadores, videogames, tocadores digitais de música, câmeras de vídeos, celulares e todo tipo de brinquedos e ferramentas da era digital.

Na defesa dos nativos digitais, chega-se a afirmar que estes sujeitos aprendem de forma distinta, quando comparados com as gerações passadas de estudantes, pois, supostamente, passam por experiências de aprendizagem mais ativas, são proficientes em multitarefas e recorrem às tecnologias da comunicação para acessar informações e interagir com os outros.

Para os nascidos antes de 1980, Prensky cunhou o termo ‘imigrantes digitais’. Ele afirma que esta parcela da população, que inclui a maioria dos professores, carece da fluência tecnológica dos nativos digitais.

### **Para além dos nativos digitais**

No texto “H. sapiens digital: from digital immigrants and digital natives to digital wisdom”, Marc Prensky (2009) sugere um novo termo para tratar a distinção entre pessoas com referência à tecnologia. A divisão entre nativos digitais e imigrantes digitais, de acordo com ele, se tornará menos relevante no contexto da era tecnológica, uma vez que todos estarão imersos nessa realidade. Por isso, o autor traz a proposição de sabedoria digital.

Para Prensky, sabedoria digital é um conceito duplo. Ele acredita que, de um lado, o uso da tecnologia digital conduz a sabedoria, por permitir a descoberta de um poder cognitivo para além de nossa capacidade inata. Em outro aspecto, a sabedoria também advém da utilização deliberada de tecnologia, a fim de melhorar nossas capacidades.

Para o autor, a tecnologia em si não substitui qualidades propriamente humanas, como a intuição, bons julgamentos, habilidades em solucionar problemas ou orientações morais. Mas, em um futuro inimaginavelmente complexo, aqueles que estiverem afastados das tecnologias não serão capazes de acessar as ferramentas relativas à sabedoria, que

estarão disponíveis até mesmo para os que apresentarem um nível elementar de disposição às interfaces digitais.

Toda a questão da tecnologia, seja no plano dos nativos digitais, dos aperfeiçoamentos digitais ou da mais recente crença na existência de uma sabedoria digital, para Prensky, tem a ver, primordialmente, com cognição. Segundo ele, as ferramentas digitais podem estender e melhorar nossas capacidades cognitivas de muitas maneiras, no que diz respeito, por exemplo, à memória, habilidade de julgamento e análises.

O autor classifica o sujeito envolto em tecnologias e, digitalmente aperfeiçoado, como o homo sapiens digital ou humano digital. A sabedoria humana, neste perfil, incluiria também uma capacidade para escolhas morais e éticas, tornadas mais pragmáticas por conta da tecnologia. Essa evolução humana decorreria da amplitude de recursos disponíveis para aquele que busca sabedoria. Esse maior desenvolvimento humano surgiria do acesso a mais experiências, promovidas por horas de exposição a simulações realísticas.

Prensky especula que as capacidades reflexivas também poderiam ser aperfeiçoadas. Para tanto, cita o caso dos jogadores de videogames. De acordo com o autor, eles já apontam evidências dessa possibilidade (reflexiva) através da velocidade com que revêm jogos anteriores, buscando formas de melhorar, antes de iniciar o próximo jogo. Neste percurso, as ferramentas tecnológicas futuras permitiriam um engajamento em julgamentos e decisões como uma operação mais rápida, à luz do conjunto de experiências passadas.

Quanto às melhores alternativas de comunicação, a sabedoria decorreria da intensidade do compartilhamento e teste de ideias mesmo no processo de formação, a níveis ainda mais acentuados do que já ocorrem atualmente.

O homo sapiens digital apresentaria duas qualidades: ao assumir o aperfeiçoamento digital como um fato integrante da existência humana e se tornar digitalmente sábio, teria suas habilidades inatas complementadas por meio do melhoramento digital, além de utilizar tal condição para tomar decisões mais sensatas. Nesta perspectiva, a sabedoria digital transcenderia a geração dividida entre nativos e imigrantes. Muitos imigrantes poderiam obter sabedoria digital, quando reconhecerem a necessidade em aderir ao contexto digital, devido às novas possibilidades e vantagens promovidas pelo que Prensky denomina como “o império das mídias” (2009, p.3).

## **Possíveis implicações da teoria de Prensky para o contexto escolar**

A partir das teses de Prensky, faço algumas considerações primárias, tentando associar os conceitos tratados pelo autor aos meus questionamentos em relação aos jovens usuários de tecnologias, principalmente no âmbito escolar. Assim:

Num primeiro momento, em 2001, com “Digital natives, digital immigrants”, o autor defendeu a hipótese de uma profunda diferença entre os jovens e as gerações mais velhas, por conta da utilização da tecnologia. Segundo este argumento, os jovens entendidos como nativos digitais são portadores de um saber, cujo reconhecimento por parte dos demais é, talvez, inédito na questão da condição juvenil. Tal conhecimento confere à juventude certo status que pode estar desestabilizando a relação com as gerações anteriores, por muito tempo definidas pela função de transmissão e preparo dos mais novos na inserção do contexto social. Na esfera escolar, esta situação pode estar trazendo implicações para a interação professor / aluno, no que diz respeito às representações sociais docentes em relação à “nova geração de estudantes” (BENNETT et al., 2008, p.775), noção que tem proliferado em muitos espaços. Neste discurso, especula-se que novos alunos (vinculados às tecnologias) estão chegando às escolas, apresentando novos modos de aprender. No entanto, é importante compreender em que medida essas ideias têm reverberado no meio escolar, oferecendo impacto efetivo à prática docente.

Posteriormente, Marc Prensky apresentou a questão da sabedoria digital, buscando romper com a cisão intergeracional, uma vez que o mundo repleto de tecnologias digitais é um fato irreversível. Esta sabedoria seria adquirida a partir de um acordo entre o sujeito e as tecnologias. Para ele, elas não substituiriam o cérebro. Ao contrário, trata do aprimoramento deste por meio do contato com as tecnologias. E isto independeria de idade; o acordo pode ser feito por adultos e por jovens. Com isso, o autor reagrupa estudantes, professores, pais e pares sob uma mesma condição, a de uma possível aquisição de sabedoria digital para todos.

A despeito dessa tentativa de aproximação das diferentes gerações, a prerrogativa de sabedoria digital continua a engendrar uma cota de exclusão para aqueles que não querem ou não possuem condições de se incluir nesta lógica. Prensky confere uma força considerável a uma realidade prenhe de tecnologias, como se o mero contato viabilizasse a

formação da sabedoria por ele teorizada, num viés de fora para dentro. Entretanto, o distanciamento continua presente em sua tese, não mais entre nativos e imigrantes, mas entre sábios e não sábios.

Neste cenário, é imprescindível refletir, como essa nova definição pode incidir no ideário acerca dos jovens. Afinal, ainda que o autor não seja tão enfático em relação a estes (na segunda fase da teoria), uma vez que eles foram concebidos como nativos, em que proporções eles não poderiam ser compreendidos como os privilegiados sábios digitais? Por mais que Prensky pretenda superar a divisão inicialmente proposta, a ideia do jovem como nativo digital, com uma *expertise* quase natural devido ao contato com um contexto tecnológico, em contraposição às gerações anteriores e sua suposta maior dificuldade em lidar com tecnologias, ainda é uma crença que persiste.

### **Problematizando a concepção de nativos digitais**

Apesar de as considerações sobre as necessidades de mudanças na educação serem largamente difundidas, no que tange aos supostos novos estudantes e suas novas formas de aprender, as discussões em torno da noção dos nativos digitais são pouco teorizadas e carentes de uma base empírica sólida (BENNETT et al., 2008).

As afirmações sobre a existência de uma geração de nativos digitais estão baseadas em dois pressupostos principais na literatura:

- Os jovens da geração de nativos digitais possuem conhecimento sofisticado e habilidades com as tecnologias da informação.
- Como resultado de suas experiências e criações com a tecnologia, os nativos digitais têm preferências singulares de aprendizagem ou estilos que os distinguem das gerações passadas de estudantes.

Em contrapartida, os autores ressaltam que há um corpo de pesquisas buscando rever tais questões.

Sobre o papel das tecnologias na vida dos jovens, a pesquisa realizada com 4734 estudantes em 13 instituições nos Estados Unidos (KVAVIK et al., 2004 apud BENNETT et al., 2008) demonstrou que, apesar de os jovens terem acesso à tecnologia em larga escala e

apresentarem altos níveis de atividades acadêmicas e recreativas, apenas uma pequena parcela (21% dos participantes) era empenhada na criação de conteúdos. E ainda, uma proporção significativa de estudantes apresentou baixo nível de habilidades em relação ao que se esperaria dos hipotéticos nativos digitais.

Outra pesquisa (KENNEDY et al, 2006 apud BENNETT et al., 2008) realizada com jovens estudantes pela Universidade da Austrália apontou que, as tecnologias emergentes ainda não são comumente usadas, onde 21% dos respondentes mantinham um blog, 24% participavam de redes sociais e 21,5% baixavam *podcasts* (arquivos de áudio). Embora muitos dos estudantes usassem um conjunto amplo de tecnologias no cotidiano, há áreas em que o uso e a familiaridade com ferramentas tecnológicas estão distante da universalidade. Algumas dessas pesquisas identificaram diferenças de engajamento tecnológico relacionadas ao status socio-econômico, contexto étnico-cultural e gênero, questões que necessitam ser investigadas mais profundamente.

Nesta mesma linha, questionários (*surveys*) aplicados a crianças e adolescentes usuários de internet (LIVINGSTONE, 2004 apud BENNETT et al., 2008) revelaram que a frequência e a natureza do uso entre as crianças diferem por grupos etários e contexto sócio-econômico. A utilização entre os adolescentes também não é uniforme e depende do contexto de uso, com experiências amplamente variáveis de acordo com as influências da escola e da casa. A dinâmica familiar e o grau de envolvimento doméstico são fatores significativos para o uso dos computadores.

É interessante observar que, a despeito das generalizações feitas em relação a um suposto jovem nativo digital, há consideráveis nuances no interior da categoria dos jovens usuários de tecnologias que apontam para diferentes graduações de uso e, não somente, para determinada utilização altamente especializada por parte dos adolescentes, como sugere a ideia de nativos digitais (Livingstone e Helsper, 2007).

Diversos estudos têm mostrado que a utilização das tecnologias digitais pelos jovens não apresenta homogeneidade (McQuillan e d'Haenens, 2009). Neste sentido, por exemplo, idade e gênero estão sendo percebidos como fortes indicadores que influenciam a relação dos adolescentes com as novas mídias, conferindo variados padrões de uso. Alguns pesquisadores, atentos a questão da heterogeneidade, têm se questionado acerca do peso da idade e do gênero para a utilização das tecnologias, sobre como tais pressupostos incidiriam



sobre as habilidades dos jovens em se envolverem mais ou menos com oportunidades *online* e enfrentarem os possíveis riscos oriundos dessas atividades. E ainda, estudos mais minuciosos buscam traçar relações entre “idade e frequência de uso, idade e habilidades, idade e confiança, idade e conhecimento dos riscos e idade e comportamento cauteloso” (2009, p. 99).

Quanto ao gênero, estudiosos notaram que diferenças sutis nas atividades *online* entre meninos e meninas estão surgindo. Estas corresponderiam ao tempo gasto na internet, a quantidade de locais acessados na rede e ao acesso a um computador e internet em seus quartos. Tem-se observado que distinções nas experiências *online*, preferências e práticas entre meninos e meninas influenciam as habilidades adquiridas.

As diferenças de gênero continuam no que diz respeito à confiança para a utilização da internet. Está confiança está diretamente relacionada à frequência de uso que, por sua vez, incide sobre as habilidades, auto-percepções dessas habilidades e utilização eficaz e benéfica da internet. Gênero se destaca como uma variável significativa quanto as habilidades auto-percebidas, com garotos relatando maior auto-percepção de especialização em tecnologias da informação e comunicação (McQuillan e d’Haenens, *idem*).

Contudo, essas pesquisas evidenciam que um número considerável de jovens são altamente adeptos das tecnologias e dependem delas para coletar informações e se inserirem em atividades de comunicação. Entretanto, também se destacou uma expressiva proporção de jovens que não apresentaram níveis de acesso ou habilidades tecnológicas correspondentes a ideia de nativos digitais.

Algumas generalizações sobre a geração atual de jovens privilegiam os estudantes iniciados tecnologicamente. Esta perspectiva é arriscada, por negligenciar a presença de jovens menos interessados e menos competentes em tecnologias, bem como, por desconsiderar o impacto de fatores sócio-econômicos e culturais na relação dos jovens com as mídias. Em contrapeso, este pequeno panorama de pesquisas ofertou um outro olhar para a questão dos jovens com as tecnologias, a partir do qual pode-se perceber que não somente há distinções entre gerações, mas também, há variações no interior da própria geração daqueles entendidos por nativos digitais.

## **Divisão digital e Diversidade digital**

Contudo, pode ser mais adequado analisar a questão das novas mídias por meio do conceito de divisão digital (Broos and Roe, 2006 apud McQuillan e d’Haenens, 2009). Este não propõe um binarismo entre inclusão ou exclusão digital. No contexto dessa abordagem, não se considera o sujeito como alguém totalmente incluído ou totalmente excluído digital. Propõe-se um mapeamento da continuidade de uso com graduações na inclusão digital, ou seja, da não-utilização para o pouco uso até a utilização mais frequente.

Segundo McQuillan e d’Haenens (2009), caracterizar e medir a qualidade do uso da internet é difícil, mas algumas pesquisas transnacionais aludem para os benefícios da utilização da internet enquanto dependentes de fatores como idade, gênero, classe social, tempo, especialização e amplitude de oportunidades. Na escada de oportunidades *online*, noção cunhada por Livingstone e Helsper (2007), para definir as variações do uso das tecnologias digitais, o grau de envolvimento dos jovens advém de motivações, habilidades e confiança, bem como, de características demográficas.

Desta forma, McQuillan e d’Haenens (*idem*) assumiram o termo “diversidade digital” para se referirem as escolhas e contrastes das atividades na internet que, de acordo com eles, são influenciadas pela idade, status sócio-econômico, normas sociais e valores culturais.

Sobretudo, conforme o tempo passa, as tecnologias digitais se tornam mais difundidas e, talvez, similitudes tendam a prevalecer sobre as diferenças ou divisões. Por hora, os jovens ainda estão distantes da homogeneidade. Na condição corrente da diversidade digital, o que se pode considerar são as oportunidades oferecidas pelas mídias tecnológicas, crescentes a cada ano.

## **Celebração de um status**

Parte dos desafios em usufruir todas as possibilidades oferecidas pela internet corresponde ao grau de especialização requerido para tanto. Segundo Livingstone (2009),

não é difícil encontrar adolescentes revelando dificuldades em usar a internet, não obstante a retórica popular na qual a juventude é associada como ‘geração digital’.

A autora pontua o contraste entre as mídias digitais e as anteriores (livros, quadrinhos, cinema, rádio e televisão). Para ela, a oposição ocorreria porque, no caso destas, se não houvesse familiaridade com os conteúdos particulares com os quais os mais novos estivessem envolvidos, os mais velhos poderiam acessar e entender o meio, o ambiente midiático (com os quais já eram familiarizados), se assim eles desejassem, a fim de compartilhar as atividades com as crianças. No entanto, as demandas do computador alocam muitos à condição de imigrantes digitais frente às informações experimentadas pelos nativos digitais, pois, a proximidade com essas mídias não diz respeito apenas aos conteúdos, mas também, a certo conhecimento das interfaces para acessar as informações, cuja intimidade ainda não foi popularizada.

Por meio de entrevistas e observações realizadas com adolescentes em algumas casas, Livingstone percebeu que, pela fala dos entrevistados, eles mesmos, são conscientes de serem a primeira geração a crescer com a internet, de acordo com uma certa celebração desse status. Enquanto afirmações são feitas acerca da existência de um conhecimento especializado por parte dos jovens no interior da noção de nativos digitais, é preciso reconhecer o valor social corrente atribuído às crianças. Em raros momentos na história, crianças apresentaram maior conhecimento, em comparação aos mais velhos, em habilidades altamente valorizadas pela sociedade. Entretanto, sem pretender refutar o entusiasmo, criatividade e motivação com que os jovens contemporâneos exploram as oportunidades *online*, a autora questiona se a responsabilidade em apoiar a utilização da internet caberia aos pais ou à escola. Neste sentido, também cabe refletir sobre como esse status de saber conferido aos jovens incide na relação entre gerações? E, quais são as consequências dessa celebração para o contexto escolar, principalmente quanto à interação entre alunos e professores?

### **Problematizando a questão dos nativos digitais em relação à educação**

A disparidade entre as habilidades tecnológicas e os interesses dos novos estudantes e o uso tecnológico limitado e pouco sofisticado dos educadores está sendo sugerida como a razão da alienação e desafeto dos estudantes (PRESNKY, 2005 apud BENNETT at al., 2008).

Esse ideário sobre os jovens tem fomentado críticas em relação à educação, se esta seria capaz de considerar e suprir as necessidades desses estudantes atuais. Por isso, não raro, afirmações de cunho apocalíptico estão sendo feitas sobre a crise da educação, principalmente quanto ao ensino, frente a esta nova geração de supostos anseios tão diversos dos anteriores. Prensky (2001 apud BENNETT at al., 2008) chega a caracterizar isso como um grande problema da educação nos dias de hoje. Para enfrentar esse desafio, alguns críticos argumentam a favor de mudanças radicais no currículo, pedagogia, avaliação e formação profissional na educação.

A distinção feita em relação à familiaridade no uso das mídias, na qual os jovens contemporâneos são denominados nativos digitais e os nascidos antes de 1980 são chamados de imigrantes digitais, aloca a maior parte dos professores neste último grupo. Reforçando essa noção de distanciamento entre alunos e professores, a didática do ensino tem sido questionada sobre a validade em atender ao perfil dos jovens, cujo nível de especialização tecnológica confrontaria o uso pouco sofisticado e limitado dos educadores. Neste aspecto do debate, isto estaria trazendo consequências ao lugar desse professor no processo de aprendizagem dos alunos. Entretanto, questiono-me, como o próprio professor apreende ou não essa discussão? Ele tem se auto-desautorizado diante da suposta *expertise* digital desses jovens?

Bennett at al. (2008) argumentam que, as cisões estabelecidas pelos críticos (nativos versus imigrantes) empobrecem o debate acerca dos jovens, favorecendo que afirmações pouco evidentes proliferem. Não somente isto limita a possibilidade de compreensão do fenômeno, como também pode alienar muitas pessoas que estão sendo colocadas no foco das necessidades de mudança, como professores, gestores e legisladores.

Sem a realização de um debate realmente crítico e cauteloso, pouco progresso pode ser efetivado em torno das ideias sobre os nativos digitais. Deste modo, os críticos destacam a falta de evidência empírica para rejeitar essa concepção como uma hipótese realmente verificável. Enquanto os defensores, ao fazer afirmações com pouco embasamento, estão

propensos a repetir um padrão visto em toda a história da tecnologia educacional, no qual as novas tecnologias são promovidas como veículos para a reforma educativa e, em seguida, podem deixar de atender às expectativas irrealistas.

Todavia, de acordo com os autores, nem o ceticismo, nem a defesa acrítica podem conduzir ao entendimento do quanto o fenômeno dos nativos digitais é significativo e que formas a educação precisa assumir para acomodá-lo. Pesquisas estão começando a expor argumentos sobre os nativos digitais a partir de uma investigação crítica, porém, muito mais precisa ser feita. Um exame minucioso dos pressupostos subjacentes ao conceito de nativos digitais tem revelado caminhos de investigação que irão fundamentar a discussão. Tal compreensão e suas evidências são precursores indispensáveis para qualquer imperativo de mudança.

### **Considerações finais**

Neste artigo, pretendi traçar um esboço da discussão em torno dos jovens usuários de mídias digitais, com especial enfoque para a oposição entre nativos e imigrantes digitais. Busquei entender como esta distinção pode estar segregando gerações e abalando a relação entre alunos e professores no contexto escolar. Neste sentido, é imprescindível discutir a questão da autoridade dos professores (na perspectiva de uma suposta perda desta, no tocante ao processo de ensino e aprendizagem) frente aos supostos “novos estudantes”, assim concebidos pelos defensores de uma nova geração de aprendentes, devido ao contato e utilização das tecnologias.

Considerar os jovens à luz desse debate é fundamental para pensar a relação entre professores e estudantes na contemporaneidade. Os discursos acerca da juventude diante da utilização das novas mídias podem também estar sendo compartilhado pelos professores. Dessa forma, compreender as principais vertentes da discussão contribui para a desmistificação do imaginário sobre aquele que tem sido denominado como jovem nativo digital.

## Referências Bibliográficas

- BENNETT, Sue et al. **The 'digital natives' debate: A critical review of the evidence.** British Journal of Educational Technology. Vol 39 No 5, 2008: 775-786.
- LIVINGSTONE, Sonia; Helsper, E.J. **Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide.** New media & Society, 2007, vol. 9, no. 4: 671-96.
- LIVINGSTONE, Sonia. Youthful Experts. In: **Children and the internet.** Cambridge, UK: 2009. P. 33-62
- MCQUILLAN, Helen; D'HAENENS, Leen. Young people online: gender and age influences. In: LIVINGSTONE, Sonia (Org.). **Kids Online: Opportunities and risks for children.** London: Editora Police Press, 2009. Pág.: 95-105.
- PRENSKY, Marc. **H. Sapiens Digital: from digital immigrants and digital natives to digital wisdom.** Innovate – Journal of online education. Vol. 5, No 3, 2009.
- PRENSKY, Marc. 2001a. **Digital natives, digital immigrants.** On the Horizon / NCB University Press, *Vol.* 9, No 5, 2001.  
[Disponível em] <http://www.webcitation.org/5eBDYI5Uw>  
Acesso em 27/06/2011.
- PRENSKY, Marc. 2001b. **Digital natives, digital immigrants: Do they really think differently?** On the Horizon / NCB University Press, Vol. 9 No. 6, 2001.  
[Disponível em] <http://www.webcitation.org/5eBDhJB2N>  
Acesso em 27/06/2011.